

e fecunda atuação no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), tornara-o um dos intelectuais mais conhecidos e respeitados do país. Para poder prosseguir seu trabalho teórico-crítico, solicitou transferência para a reserva. Nas *Memórias de um soldado* registrou quão difícil foi, para ele, essa decisão, “que vinha amadurecendo de há muito: quatro anos de exílio na fronteira, cinco anos embalsamado... numa Circunscrição de Recrutamento... novo exílio no extremo norte... instrutor de generais e no entanto sem perspectiva nenhuma na carreira...”. “Certo”, prossegue, “o dever é resistir, incomodar, permanecer, mas eu vinha fazendo isso há praticamente quinze anos, sem resultado algum. Não era justo que militares democratas abandonassem o serviço ativo; mas há um limite além do qual o positivo se torna negativo”.¹

Nem por isso, em 1964, os golpistas dele se esqueceram: trancafiaram-no dois meses no Forte de Copacabana. Entretanto, para um homem de sua estatura moral e intelectual, os golpes desferidos por adversários ideológicos raivosos e mesquinhos, como os que sofreu no Exército, provavelmente incomodaram menos do que as críticas fáceis dos que acham que o mais forte tem sempre razão e portanto que os derrotados necessariamente estavam errados. Muitos, em tal situação, teriam ficado acabrunhados ou ressentidos. Outros, pior ainda, teriam

‘virado a casaca’. Sodré produziu, com a lucidez, integridade e erudição de sempre, obras essenciais.

Das homenagens fúnebres que pudemos ler, as mais justas e melhores são o artigo de André Moysés Gaio, publicado no jornal *O Estado de Minas*² e as notas obituárias de Moacyr Andrade e de Wilson Figueiredo no *Jornal do Brasil*.³ Em São Paulo, persistindo *post-mortem* numa incompreensão não isenta de preconceitos, que vinha de muito tempo e se alimentava do anticomunismo bem-educado de certos meios acadêmicos, um jornalista, repetindo monotonamente as críticas superficiais à caracterização do latifúndio e do imperialismo como inimigos principais da nação brasileira, sustenta que, depois do golpe de 1964, “a teoria sobre o passado feudal do Brasil caiu em desgraça”.⁴ Escapou ao publicista que, com o golpe, não foram apenas as teses de Sodré, mas toda a esquerda brasileira que “caiu em desgraça”.

Defender o pensamento de Sodré contra preconceitos e caricaturas constitui um dever intelectual que evidentemente não impede, mas completa, o da objetividade crítica.⁵ Abrir polêmicas foge, entretanto, aos objetivos dessa nota obituária em que pretendemos apenas marcar-lhe nosso apreço e reconhecimento intelectual. Observaremos somente que o uso constante, em sua obra, da categoria “feudalismo” é coerente, na medida em que denota um

1. *Memórias de um soldado*. Vol II. Petrópolis, Vozes. 1988, p. 257.

2. “Honra a um revolucionário iluminado”, caderno “Pensar” de *O Estado de Minas*, 6/2/1999. No Congresso, um deputado de São Paulo, Aldo Rebelo (PCdoB) tomou a palavra, tão logo teve notícia da morte de Sodré, para homenagear-lhe a memória em vibrante pronunciamento.

3. *Jornal do Brasil*, Caderno B, 15/1/1999.

4. *Folha de S. Paulo* de 15/1/1999.

5. Preenche esse requisito a avaliação de Sodré contida em *Iseb, fábrica de ideologias*, de Caio Navarro de Toledo, cuja 2ª edição foi publicada pela Unicamp em 1997.

correlato objetivo perfeitamente determinado (monopólio da terra, extração pelo latifundiário de formas pré-capitalistas de renda da terra, etc.). Cabe, sem dúvida, perguntar se, a propósito do Brasil, essas relações pré-capitalistas não poderiam ser melhor denotadas do que pelo termo 'feudalismo'. "A questão é semântica" explicava Sodré, quando interrogado criticamente a esse respeito. Principalmente da semântica da má-fé. Muitos, com efeito, para refutá-lo, contentaram-se em contrapor ao emprego analógico do termo a interpretação literal, enquanto conceito empírico extraído da sociedade medieval européia. Um dos tópicos do obituário crítico acima referido⁶ leva por título "Teórico via feudalismo no Brasil". A fórmula não é falsa, mas está redigida sob medida para reforçar preconceitos. Quem não sabe, afinal, que entre nós não houve cavaleiros da tábua redonda, castelos e fortalezas medievais? A sugestão óbvia é de que, embora não acreditasse em bruxas, Sodré defendia teses ultrapassadas. Mais correto, mais inteligente e, sobretudo, mais útil para o pensamento social brasileiro, teria sido constatar que defendeu teses polêmicas com a tenacidade daqueles que não se impressionam com críticas fúteis nem com modismos e pedantismos.

Para Sodré, como para a maioria dos comunistas de sua geração (a grande exceção é Caio Prado), o essencial na questão do 'feudalismo', isto é do monopólio latifundiário da terra, era fundamentar a necessidade da reforma agrária. Não há de ser preciso insistir em que a

mobilização dos sem-terra, o mais notável e pujante movimento social brasileiro da última década, confirma o acerto da ênfase posta na luta pela terra e desmente a crítica ao PCB desenvolvida por Caio Prado em *A revolução brasileira*, que pretendia provar não ser necessária uma reforma agrária no Brasil porque não havia campesinato lutando pela terra. O que não impediu os sem-terra de lutar contra os latifundiários, enfrentando a fúria homicida da UDR e o ódio frio da "bancada ruralista" no Congresso.

De resto, não foi o uso da categoria 'feudalismo' e sim a tese de que a burguesia nacional, agente do desenvolvimento econômico, podia aliar-se com as forças progressistas partidárias das "reformas de base", que foi desmentida pelos fatos. Mas imputar a Sodré, como fizeram em vida seus detratores, uma concepção dogmática e politicamente desastrosa da aliança com a burguesia nacional, é simplesmente falsificar seu pensamento. Segundo ele, a contradição entre as burguesias dos países dominados e o imperialismo "é um dado da realidade".⁷ A base objetiva da aliança das forças populares com a burguesia nacional consistia no comum interesse pelo desenvolvimento capitalista independente da dominação estadunidense. Essa posição, claramente expressa na *História da burguesia brasileira*, longe de ser mecânica, completa o reconhecimento da dinâmica econômica objetiva pela dialética da correlação de forças: entre "o imperialismo e as forças populares...", a

6. *Folha de S. Paulo* de 15/1/1999. A obra de Sodré, segundo o jornalista, foi "então" (com o golpe de 1964) "relegada ao esquecimento". Tola alfinetada fúnebre! Na mesma página da *Folha de S. Paulo* (de 15/1/1999) uma nota bibliográfica de suas "principais obras" enumera trinta e oito livros publicados de 1964 em diante. Para um "esquecido" não é tão pouco assim...

7. Hoje como ontem. Mesmo os ingênuos que levaram a sério o "conceito" mediático de 'globalização' poderiam meditar frutiferamente sobre uma manifestação extremamente contemporânea dessa contradição, a que opõe os lucros usurários auferidos pelo capital financeiro

burguesia “prefere *sempre* conciliar com o mais forte... Na maior parte das vezes, o mais forte é o imperialismo”.⁸ Não era fatal que o “empresariado” brasileiro optasse pela condição de sócio menor do império. Valia a pena lutar para que não passasse, como passou majoritariamente em 1964, para o campo da contra-revolução. As conseqüências, continuamos a amargá-las até hoje.

Só podem divergir dessas teses sobre o imperialismo os que estão satisfeitos com a concepção do desenvolvimento “associado” ao império estadunidense, sustentada, na teoria e na prática, por F.H. Cardoso e sócios, “Menudos” políticos empenhados em transformar o Brasil num grande Porto Rico. Aos que não se resignam a essa servidão voluntária travestida de “globalização”, a obra de Sodrê oferece um estupendo legado de fatos, análises e idéias críticas.

Tivemos oportunidade, mais de uma vez, de discutir com ele as causas do golpe e do fracasso da esquerda. Sua tese é de que esta já estava politicamente derrotada antes do desencadeamento da quartelada de 31 de março.⁹ Fatalismo? Certamente não. Constatação de um fato. Militarmente, uma esquadrilha da FAB teria destruído os golpistas mineiros comandados pelo fascista impenitente Mourão Filho. Mas os oficiais da Aero-

náutica fiéis à legalidade que tentaram decolar foram presos. O mesmo ocorreu com os oficiais do Exército. Tampouco, o que é mais significativo, os dirigentes sindicais foram seguidos ao lançar a ordem de greve geral.

Resta saber como poderia ter-se conduzido a esquerda para evitar a derrota política de 1964. A resposta de Sodrê não cabe numa fórmula. Persistiu, segundo nós com razão, na defesa do *programa* nacional-democrático. Reconheceu os erros do governo Goulart e da direção do PCB, criticou a inseqüência dos “generais do povo” e o esquerdismo do movimento dos sargentos, que contribuíram para aumentar a sanha dos golpistas e principalmente, para aumentar-lhes o crédito junto à massa da oficialidade, sem contudo transformar uns ou outros em bodes expiatórios de uma derrota sem dúvida trágica por suas nefastas conseqüências históricas, mas expressando a correlação de forças da sociedade brasileira de então.

Preparou a própria morte com a serenidade de um sábio antigo, lutando até o fim pelas idéias e valores que lhe orientaram a vida. Se homens como ele tivessem prevalecido, o Brasil não seria esse monumento vivo da desigualdade social, nem estaria de pires na mão recebendo ordens do FMI.

‘globalizado’ e o interesse nacional. Até o presidente F. H. Cardoso, após haver acorrentado o Brasil a Wall Street e ao FMI e tomado dinheiro dos aposentados para tentar saciar a sanha dos especuladores, lembrou-se de que o interesse nacional existe, ao pedir aos detentores, em grande parte brasileiros, de reais especulativos, que parassem de comprar dólar. O ímpeto patriótico presidencial não foi, porém, de longo fôlego. Logo em seguida, entregou o Banco Central a um preposto do especulador multimilionário estadunidense G. Soros.

8. *História da burguesia brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1964, p. 381. Grifado por nós. Comentamos mais amplamente esse ponto em *História do marxismo no Brasil*. Vol. II. Campinas, Editora da Unicamp. 1995, p. 80-81 e 99, nota 32.

9. Em março de 1994 Sodrê participou do seminário “O golpe de 64: trinta anos”, no IFCH/Unicamp. A síntese de sua intervenção está em *1994, Visões críticas do golpe* (Caio N. de Toledo, org., Editora da Unicamp. 1997).

MORAES, João Quartim de. (Nota em homenagem a Nelson Werneck Sodré: viver de pé, de olhos abertos). *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.8, 1999, p.169-172.

Palavras-chave: Homenagem; Nelson Werneck Sodré.